



GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dissestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abri-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os neces-

sitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.
Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



*Fatima
2017
Centenário das Aparições*

Índice :

O Dia dos Pobres	pág. 75
A devoção do P. Cruz a S. Francisco Xavier.....	pág. 76
Dia Mundial dos Pobres	pág. 81
Padre Cruz - Jazigo.....	pág. 84
Mensagem do Papa Francisco	pág. 85
Boas Festas.....	pág. 91
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 92
Envio de Correspondência para a Causa	pág. 95
Campanha de Missas	pág. 96

O DIA DOS POBRES

Quisemos neste número dar relevo à caridade do Padre Cruz para com ele nos associarmos mais à iniciativa do Papa Francisco que nos convida a celebrar o “Dia do Pobre” no Domingo antes da Solenidade de Cristo Rei. Além de um artigo sobre o Padre Cruz e o seu amor e dedicação aos pobres colocamos aqui alguns excertos da carta do Santo Padre para esse dia e sua vivência. Queira Deus que nos convertamos todos ao amor dos irmãos sobretudo os mais pobres, mais indigentes, mais doentes, mais marginalizados. Assim fazia o Padre Cruz, o apóstolo da caridade.

A ligação do Padre Cruz a S. Francisco Xavier, cuja festa celebramos a 3 de dezembro, também não podia ser esquecida. Ler com atenção as palavras do Padre Cruz nos ajudará a perceber a devoção ao santo missionário, como ele, diz, o seu Irmão Jesuíta. Para o Padre Cruz ter entrado na Companhia de Jesus e ter feito seus votos no dia de S. Francisco Xavier foi um dom de Deus e uma fonte de muita alegria. Saibamos imitar o nosso Padre Cruz e sermos missionários a tempo pleno.

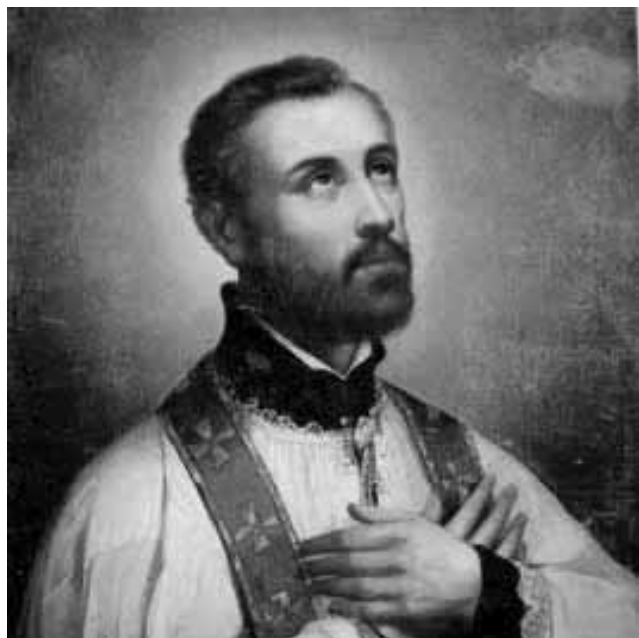
O Jazigo onde estão os restos mortais do Padre Cruz é muito visitado por devotos e peregrinos, alguns vindos de muito longe. No dia do aniversário do nascimento do Padre Cruz, 29 de julho, e no aniversário da sua morte, dia 1 de outubro, o Jazigo é aberto para que todos possam lá rezar e ter uma maior aproximação da urna onde o nosso “santo” repousa. Como poderão ler foi ele que pediu para ser enterrado no jazigo da Companhia de Jesus no Cemitério de Benfica. Durante o ano passam por lá muitos milhares de pessoas para rezarem junto dos restos mortais do Padre Cruz. Assim sucedeu também no dia 1 de novembro em que o jazigo esteve aberto. Alguma vez é-nos pedido para abrir o jazigo quando de longe vem alguma peregrinação com devotos da Causa. Assim temos feito. E continuaremos a fazer.

Podemos nesta revista apreciar não só a foto do jazigo e da Igreja de Alcochete onde foi batizado, como sentir nalgumas fotos a oração e a vinda de alguns peregrinos. Todos estamos empenhados que o Padre Cruz chegue aos altares e seja beatificado e canonizado. Rezem muito por esta intenção. Peçamos dons e milagres a Deus por sua intercessão. Demos a conhecer o Padre Cruz, sua vida, sua obra, seu exemplo, sua caridade, sua santidade.

P. Dário Pedroso, s. j., Vice-postulador



A DEVOÇÃO DO PADRE CRUZ A SÃO FRANCISCO XAVIER



Esta bela oração em que revela bem o amor, carinho, intimidade com São Francisco Xavier, em que chama Santo Pai, a Santo Inácio de Loiola, Fundador da Companhia de Jesus, expressam elevados sentimentos e comunhão e de total confiança na intercessão do seu Santo predilecto: Francisco Xavier.

“Glorioso S. Francisco Xavier meu amado protector, modelo e irmão querido, Vós que tanto gostastes de conhecer claramente a vontade de Deus e cumpri-la sempre perfeitamente e pedistes esta graça a S. Inácio

nosso Santo Pai, ainda em vida, Vós ambos que estais no Céu com tanta glória pedi à Trindade Santíssima, pelos Corações de Jesus, Maria e José, Santa Ana e São Joaquim que me ajudem a só pensar, sentir, dizer, ver e praticar o que for do seu divino agrado e nunca o que possa desgostar mesmo levemente; e resistir sempre a todas as tentações ... e em tudo só o que devo e quanto devo pelo modo que Vos agrada e nas minhas pregações e confissões e conversas, sem vaidade, que nunca quero que me apareça nem demore na minha alma”.

De Vagos, a 13-11-1924, afirma num postal à sua Irmã:

“Peço mandes que para Lisboa uns 30 ou 40 livrinhos com a vida de S. Francisco Xavier. Se Deus quiser espero chegar a Lisboa no dia 20 de tarde”. E noutro escrito enviado a 30 de Dezembro escreve: “Peço que entregues à Sr.a D. Ana alguns folhetos da vida de S. Francisco Xavier para levar para Lisboa. E para honrar os 10 anos que S. Francisco Xavier tanto trabalhou na Índia ela que dê 10 quilos de pão às crianças que comungarem na lá sexta feira”. Noutro escrito atribui a S. Francisco Xavier as suas melhoras e escreve: “Graças a Deus e à protecção de Nossa Senhora de Fatima e de S. Francisco Xavier, cuja novena acabou ontem, hoje desapareceu-me a febre e já tive a consolação de poder celebrar o santo sacrifício da Missa e tenho andado levantado todo o dia podendo já ir à capela á devoção de Nossa Senhora de Fatima, com bênção do SSmo. Sacramento, etc. O médico ficou admirado das melhoras tão rápidas, mas diz que ainda é prudente ter alguns dias de descanso”.

Em muitas estampas e postais aparece a ligação profunda entre a devoção a Santa Teresinha e a São Francisco Xavier. Que nos fique este maravilhoso texto:

“Sta. Teresinha do Menino Jesus dizia que «com a Novena da Graça de S. Francisco Xavier se alcança tudo que se deseja» Estamos a terminá-la: peçamos ao grande Apóstolo das Índias que nos alcance de Deus Nosso Senhor a graça duma santa vida e santa morte; de nos salvarmos e ajudarmos a salvar muitas almas, procurando imitar as Suas santíssimas virtudes. - fê



viva e fecunda em boas obras; esperança inabalável ; caridade ardente no amor de Deus e do próximo - fidelidade no cumprimento dos deveres do próprio estado - pureza - paciência - zelo pela salvação das almas - humildade e obediência”.

“Peçamos ao nosso Bom Deus a graça de nos aproveitarmos dos ensinamentos que recebemos das festividades que a Santa Igreja vai celebrando. Tivemos neste mês [Dezembro] a festa de S. Francisco Xavier cuja vida nos incita a termos ardentes desejos de o imitarmos no seu zelo extraordinário pela glória de Deus e salvação das almas”

Para terminar, fica esta citação, e em que o Padre Cruz, recorda a sua entrada na Companhia de Jesus, no dia da Festa de S. Francisco Xavier:

“O nosso Bom Deus e Senhor concedeu-me a graça extraordinária de fazer os meus Santos Votos e entrar na Santa Companhia de Jesus no dia 3 de Dezembro de 1940, dia de S. Francisco Xavier a Quem peço que me alcance de Deus Nosso Senhor a graça de cumprir sempre os meus Santos Votos com o mesmo espírito com que Ele os cumpriu.

Nota:

Francisco Xavier, nascido no Castelo de Xavier, em Navarra (Espanha) no ano de 1506, foi um dos primeiros companheiros de Santo Inácio. Fez em Paris, ainda estudante, os Exercícios Espirituais, donde lhe veio a graça da conversão e o desejo de entrega total a Cristo e ao serviço da Igreja. Ordenado sacerdote em Veneza no ano de 1537 dedicou-se muito ardentemente à pregação e a obras de caridade. Enviado para o Oriente em 1541, evangelizou incansavelmente a Índia e o Japão, durante dez anos, convertendo muitos à fé, e batizando centenas e centenas de catecúmenos. Morreu a 3 de Dezembro, na Ilha de Sanchoão, às portas da China. Foi canonizado pelo Papa Gregório XV em 1622. Mais tarde foi proclamado Padroeiro universal das Missões, tal foi o exemplo da sua vida, a sua dedicação, e o seu amor à evangelização do Oriente.



Novena da Graça de S. Francisco Xavier

Oração da novena

Ó glorioso e amantíssimo São Francisco Xavier, convosco humildemente adoro a Divina Majestade e lhe dou infinitos louvores pelos singularíssimos dons de graça que vos concedeu durante a vida e de glória depois da morte; e peço-vos com todo o coração que me alcanceis a preciosíssima graça de viver e morrer santamente.

Peço-vos também a graça particular de ... (*pede-se a graça desejada*), e se isto não é para maior glória de Deus e maior bem da minha alma, alcançai-me o que a uma e outro for mais conforme. Assim seja.

Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

S. Francisco, rogai por nós. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos

Ó Deus, que, por meio da pregação e milagres do bem-aventurado Francisco vos dignastes trazer ao seio da vossa Igreja os gentios do Oriente, concedei-nos que imitemos as virtudes daquele, cujos gloriosos merecimentos veneramos. Por Cristo Senhor Nosso. Amen.





Cemitério de Benfica
Jazigo onde está
depositado o corpo
do Padre Cruz



Jazigo - 1 de outubro de 2017,
Aniversário de Falecimento do
Servo de Deus Padre Cruz

Sepultura do Padre Cruz - A sua vontade.

“O corpo do meu caríssimo irmão Dr. Manuel da Cruz foi depositado no Montijo no jazigo de família com a qual se uniu pelo Sacramento do Matrimónio. Assim também eu apesar de amar muito como ele a nossa querida família e terra natal entendo que é dever meu se Nosso Senhor na Sua Infinita Misericórdia me quiser chamar à Sua Divina Presença ser o meu corpo depositado no jazigo de minha família religiosa - Companhia de Jesus com a qual me uni a 3 de Dezembro de 1941, fazendo os santos votos, e assim cumprindo o ardente desejo que tinha há cerca de 60 anos e não tinha cumprido por falta de saúde.

22 de Maio de 1945, P. Francisco Rodrigues de Cruz”



DIA MUNDIAL DOS POBRES

O Padre Cruz teria um gosto particular em viver e espalhar a iniciativa do Papa Francisco do “DIA DOS POBRES”, celebrado no Domingo antes de Cristo Rei, para melhor preparar essa grande Solenidade. O Padre Francisco Cruz gostaria muito de saber que o Papa tinha o seu nome e que era um apóstolo dos pobres, um defensor dos que vivem nas periferias, um amigo cuidadoso e dedicado dos sem-abrigo, dos refugiados, dos presos, dos doentes. Quanta alegria sentiria por saber desta iniciativa do Papa Francisco e quanto faria para que todos a vivessem a sério, com empenho, audácia, amor aos pobres.

Para o nosso “santo” Padre Cruz, todo o ano era “ANO DE POBRES”. Parece que não havia dia que não visitasse doentes ou presos em cadeias, ou desse esmolas a pobres e famílias mais carenciadas,



não escrevesse a alertar muitos para viverem a caridade com os “pobrezinhos”, termo que gostava muito de usar com carinho e dedicação. O ANO inteiro, cada dia, por Portugal inteiro onde pregava e passava fazendo o bem, o Padre Cruz, vivia com os pobres, para os pobres com uma esmerada dedicação. Não pensava em si, na sua saúde, na sua alimentação, mas nos seus amigos os pobres. Todo o Ano, sem descanso, sem pausas, pois por todo o lado encontrava misérias sociais, morais, pobreza de toda a espécie. Não pensava em



si, mas nos seus pobres. Naqueles que de um modo ou de outro precisavam da sua presença e da sua ajuda, da sua palavra ou da sua esmola. Quantas vezes pôs em causa a sua saúde, por causa das suas pregações e dos seus pobres. Mas

para o Padre Cruz a vida era para ser doada a todos, sobretudo aos mais pobres, doentes, presos, os que viviam misérias humanas, famílias, passando às vezes fome, não tendo com que pagar os remédios, etc.



Cadeia do Limoeiro

Quantas vezes, alguns benfeitores lhe entregavam um envelope para ele próprio, para uma nova batina, para viagens, mas se daí a pouco encontrava um pobre, lá lhe dava o envelope, muitas vezes sem saber o dinheiro que ia dentro. Pelas suas mãos passaram “pequenas

fortunas” que ele distribuía. Morreu pobre, sem bens pessoais, pois dava tudo o que lhe davam. E isto, o Ano todo, sem descanso. O seu Ano, voltamos a repetir, era sempre Ano de pobres, cada dia, em cada terra que visitava para pregações, confissões, festas litúrgicas. Percorreu Portugal inteiro muitas vezes, e os pobres eram sempre os seus predilectos. Se nessas terras, sobretudo vilas ou cidades havia hospital ou cadeia, nunca deixava de visitar os seus “predilectos”, aqueles que tinha mais no coração, a quem amava e para quem vivia. Apóstolo da caridade, cuja vida foi sempre uma “sinfonia de amor”. Por isso conhecido em Portugal inteiro, estimado e amado por todos. Hoje conhecido em muitos países onde se publicam livros com a sua vida maravilhosa em dom de dedicada caridade.

Pobres, para o Padre Cruz, eram também os pecadores, aqueles que não se confessavam e não comungavam. Dedicava-se a eles de alma e coração, qualquer que fosse a classe social, a cultura, a cor de pele, bem vestidos ou esfarrapados, analfabetos ou doutores, etc. Era aos seus irmãos pecadores, os pobres mais pobres, pois não tinham a graça de Deus, nem se abeiravam dos sacramentos, a quem se dedicava de um modo muito particular. Era grande a sua alegria quando ia a uma paróquia pregar e, no fim, podia dizer que não tinha ficado ninguém sem se confessar. Apóstolo das “ovelhas perdidas, tresmalhadas, feridas, doentes”, o Padre Cruz não se cansava de passar muitas horas no confessionário a atender com a sua sempre solícita caridade e delicadeza, paciência e zelo apostólico, esquecendo-se de si,



das horas das refeições, das horas de descanso ou de sono. Quantos testemunhos eloquentes de penitentes nos revelam a sua arte de ser um bom e caridoso confessor. E tantos testemunhos de párocos a dizerem como o povo aderiria e queria confessar-se ao P. Cruz, e como tantas pessoas que já há dezenas de anos não se confessavam, iam ajoelhar junto desse “santo” para colocar a vida em ordem e começar uma etapa nova e feliz em comunhão com Deus. Pobres pecadores “convertidos” e colocados na misericórdia e bondade infinita do Deus bom e amigo dos homens.



Precisamos todos de nos empenhar em dar a conhecer, sempre mais e mais, a vida, a obra, as virtudes, a santidade do Padre Cruz. Precisamos de nos entusiasmar em imitá-lo, a ser ao jeito do que ele foi e viveu, rezou e amou. Ser devoto do Padre Cruz, é ser seu imitador como ele foi de Cristo o Bom Samaritano que cuida das nossas doenças e feridas, o Bom Pastor que anda sempre em busca das ovelhas perdidas. Se cada amigo e devoto do Padre Cruz se entusiasmar por dá-lo a conhecer, falar dele, oferecer uma pagela acerca dele ou um livro com a sua biografia, se nos apaixonarmos pela Causa do “santo” da caridade e da misericórdia, estamos a colaborar para que possa um dia subir aos altares, ser canonizado, aquele a quem todo o Portugal já chamava “SANTO”.

P. Dário Pedroso, s.j.



«Não amemos com palavras, mas com obras»

Excerto da Mensagem do Santo Padre Francisco para o I Dia Mundial dos Pobres - XXXIII Domingo do Tempo Comum (19 de novembro de 2017).

«Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdade» (1 Jo 3, 18). Estas palavras do apóstolo João exprimem um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir. A importância do mandamento de Jesus, transmitido pelo «discípulo amado» até aos nossos dias, aparece ainda mais acentuada ao contrapor as palavras vazias, que frequentemente se encontram na nossa boca, às obras concretas, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos. O amor não admite álibis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos



chamados a amar os pobres. Aliás, é bem conhecida a forma de amar do Filho de Deus, e João recorda-a com clareza. Assenta sobre duas colunas mestras: o primeiro a amar foi Deus (cf. 1 Jo 4, 10.19); e amou dando-Se totalmente, incluindo a própria vida (cf. 1 Jo 3, 16). Um amor assim não pode ficar sem resposta.

Apesar de ser dado de maneira unilateral, isto é, sem pedir nada em troca, ele abrasa de tal forma o coração, que toda e qualquer pessoa se sente levada a retribuí-lo não obstante as suas limitações e pecados. Isto é possível, se a graça de Deus, a sua caridade misericordiosa, for acolhida no nosso coração a pontos de mover a nossa vontade e os nossos afetos para o amor ao próprio Deus e ao próximo. Deste modo a misericórdia, que brota por assim dizer do coração da Trindade, pode chegar a pôr em movimento a nossa vida e gerar compaixão e obras de misericórdia em prol dos irmãos e irmãs que se encontram em necessidade.

«Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o» (Sl 34/33, 7). A Igreja compreendeu, desde sempre, a importância de tal invocação. Possuímos um grande testemunho já nas primeiras páginas do Atos dos Apóstolos, quando Pedro pede para se escolher sete homens «cheios do Espírito e de sabedoria» (6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres. Tudo isto foi possível, por ela ter compreendido que a vida dos discípulos de Jesus se devia exprimir numa fraternidade e numa solidariedade tais, que correspondesse ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres bemaventurados e herdeiros do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3).

«Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Esta frase mostra, com clareza, como estava viva nos primeiros cristãos tal preocupação. O evangelista Lucas – o autor sagrado que deu mais espaço à misericórdia do que qualquer outro – não está a fazer retórica,



quando descreve a prática da partilha na primeira comunidade. Antes pelo contrário, com a sua narração, pretende falar aos fiéis de todas as gerações (e, por conseguinte, também à nossa), procurando sustentá-los no seu testemunho e incentivá-los à ação concreta a favor dos mais necessitados. E o mesmo ensinamento é dado, com igual convicção, pelo apóstolo Tiago, usando expressões fortes e incisivas na sua Carta: «Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam?

Mas vós desonrais o pobre. Porventura não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? (...) De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé?

Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: “Ide em paz, tratai de vos aquecer e matar a fome”, mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (2, 5-6.14-17).



Contudo, houve momentos em que os cristãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana. Mas o Espírito Santo não deixou de os chamar a manterem o olhar fixo no essencial. Com efeito, fez surgir homens e mulheres que, de vários modos, ofereceram a sua vida ao serviço dos pobres. Nestes dois mil anos, quantas páginas de história foram escritas por cristãos que, com toda a simplicidade e humildade, serviram os seus irmãos mais pobres, animados por uma generosa fantasia da caridade!

Dentre todos, destaca-se o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres santos, ao longo dos séculos. Não se contentou com abraçar e dar esmola aos leprosos, mas decidiu ir a Gúbio para estar junto com eles. Ele mesmo identificou neste encontro a viragem da sua conversão: «Quando estava nos meus pecados, parecia-me deveras insuportável ver os leprosos. E o próprio Senhor levou-me para o meio deles e usei de misericórdia para com eles. E, ao afastar-me deles, aquilo que antes me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (Test 1-3: FF 110). Este testemunho mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos.

Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam alegria e serenidade de espírito, porque se toca com as mãos a carne de Cristo. Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão

sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis. Continuam a ressoar de grande atualidade estas palavras do santo bispo Crisóstomo: «Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no tempo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez» (Hom. in Matthaëum, 50, 3: PG 58).

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma.



Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de mais, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminho atrás d'Ele e com Ele: um caminho que conduz à bemaventurança do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não



obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 25-45).

Assumamos, pois, o exemplo de São Francisco, testemunha da pobreza genuína. Ele, precisamente por ter os olhos fixos em Cristo, soube reconhecê-Lo e servi-Lo nos pobres. Por conseguinte, se desejamos dar o nosso contributo eficaz para a mudança da história, gerando verdadeiro desenvolvimento, é necessário escutar o grito dos pobres e comprometermo-nos a erguê-los do seu estado de marginalização. (...)

Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho.

Vaticano, Memória de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2017

Informação aos nossos leitores:

No próximo ano de 2018 a Revista “Graças do Padre Cruz SJ” terá uma nova periodicidade, mas será publicado também um folheto com artigos, graças que partilham connosco, etc.

Agradecemos que os divulguem e distribuam, deem a conhecer o Padre Cruz.

Obrigado!



**A todos os Amigos do *Santo* Padre Cruz
e suas Famílias, desejamos
um Santo Natal e um
Próspero Ano Novo 2018
com as bênçãos de Deus Menino.**

O Vice-Postulador da
Causa de Canonização do Padre Cruz,
P. Dário Pedroso, s.j.



Agradeço ao Padre Cruz por...

Tudo o que fizeste nos momentos de aflição, nas horas escuras da nossa vida, sempre estiveste no momento certo. *(Família Henriques).*

As inúmeras graças que, por sua intercessão, tenho alcançado de Deus, em especial as melhoras de meu sobrinho que, depois de vários exames, não acusou nada de grave. *(Maria Amélia, Cascais).*

O meu filho, que tinha perdido umas chaves que tanta falta lhe fazia, as ter encontrado. *(Maria Adriana, Gavião).*

Ajudar a melhorar os meus filhos, netas e familiares doentes e por terem trabalho. *(Maria Altina, Sertão).*

Conceder a graça do meu filho continuar no seu emprego há 15 anos. Tem alturas em que não está muito bem, mas lá vai andando, com a ajuda do nosso Padre Cruz. *(M. Lopes).*

Todas as graças recebidas ao longo da vida, para mim e meus familiares, especialmente por o meu neto ter conseguido encontrar estágio. Demorou 3 anos, mas tudo está a correr bem, ficou empregado por 1 ano. *(Ana Rosa Carreira, São João do Estoril).*

Várias graças recebidas, por duas operações que fiz à barriga no espaço de dois meses terem corrido bem, não acusando nada maligno, por o meu filho ter trabalho e saúde e por o meu marido ter saúde. *(Maria Odete Cabral, Lisboa).*



DERAM ESMOLA e AGRADECEM GRAÇAS

Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Arlete Teixeira (Braga); José Dias de Pinho (Porto); Manuel Pereira (Mangualde); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Lúcia Fátima Gonçalves Leonardo Toste (Angra do Heroísmo, Açores); Manuel Correia Pereira (São Julião); Maria da Piedade Boavida Crespo (Carnaxide); Mariana Amália Ferreira (Coz); P. Saul Pires Teixeira (Coimbra); Odete Alves (Valladolid, Espanha); João Batista de Carvalho (Santo Tirso); Maria João Bastos Bizarro Sales Gomes (Amadora); Lucília Cartaxeiro Garrido (Vale do Paraíso); Bertila Mendes Guerreiro (Quarteira); Armando Vitor Soares (Urzelina, Açores); Jesuína Maria Soeiro Gomes Lopes (Vila Franca de Xira); Maria da Conceição Madureira (Marco de Canaveses); Isabel Dourado (Póvoa de Varzim); Maria Silva Viera Antunes (Braga); Elvira Costa Dias (Avanca); Sofia G. Botelho (Gustine, EUA); Adriana Calisto (Mississauga, Canadá); Carolina Esmeralda de Sousa Martins Moutinho (Porto); Maria do Carmo Fariña (Lisboa); Maria José Cunha Sousa Melo (Porto); Maria da Silva Antunes (Braga); Justino Firmino (Lubango, Angola); Maria Teresa da Costa Teixeira; Filomeno Falcão (Califórnia, EUA); Cecília Maria Dentinho Silva (Meãs do Campo); António dos Santos (Mangualde); Olívia Machado Abreu (Guimarães); Guida Jesus (Florisant, EUA); Arminda da Conceição Tomaz Silva (Sintra);



Maria Morais dos Reis Agostinho (Peso); Maria Lourdes Moniz (La Mesa, EUA); Horácio Tavares (New Bedford, EUA); Cristina Quintas (Figueiró dos Vinhos); Cecília Canilho Rijo Domingues (Portalegre); José Manuel Dias Azevedo (Vila do Prado); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Esaú Sousa Almeida (Reriz); Deolinda Maria Vitória (Barreiro); Maria Augusta Dias (Camarate); Maria Esmeralda Alves Moreira Silva, Virgínia Irene e Albina Ferreira Pires Dias (Gondomar); José António Viana Marques Gomes (Matosinhos); Maria Teresa Roça Correia Pires Rocha (Cantanheide); Maria Fernanda do Vale Lopes Braguez Campos (Coimbra); Maria Cidalina Flores Coelho dos Santos (Águeda); Leontina Augusta Castro Costa de Azevedo (Porto); Isidro Cardoso (Vila Nova de Gaia); José Manuel Machado (Trofa); Rita Moura Vigário e Augusto Ferreira Santos (São Pedro da Cova); Rosa Bento (Esmoriz); Maria Cândida Caixinha (Lagoa); Fernanda Caiado da Silva (Castelo Branco); Teresinha Pinto Figueira, Alice Virgínia

de Abreu, João Sidónio Figueira e Ana Maria Figueira Fernandes (Estreito de Câmara de Lobos, Madeira); Maria Luísa Pinto Correia (Funchal, Madeira); Maria Manuela Ferreira Roque Sousa (Lisboa); Maria do Céu João Ladeira Pinto (Gouveia); Maria da Conceição Duarte P. Cardoso (Queijas); Maria Celine Gomes (Lisboa); Maria do Carmo Lopes (Sacavém); José Pinto e esposa (Amadora); Maria da Graça Pereira Inácio (Eugaria); Maria Beatriz Gomes Guerra (Benavente); Maria de Fátima Moita (Cinfães); Maria Manuela Ramos Rosa (Évora); Maria Pureza Vasconcelos e Rosa Fernandes Vasconcelos (Sabadim); Maria Irene Santos Alves (Figueira da Foz); Maria do Carmo Alves (Lisboa); Maria Alina Ramos Santos Garcia (Porto); Maria Manuel Pinto (Ermesinde); João da Costa Tavares (Porto Salvo); Anna Reis Young (Cranston, EUA); Edviges Guerreiro Silva (Baixa da Banheira); Maria Helena Domingues (Castanheira do Ribatejo); Manuela Mendonça (Sabugosa); Maria da Conceição Taveira Pinto (Telões).

AVISO

Pedimos a todos os amigos e benfeitores que enviem toda a correspondência relacionada com a

**Causa de Canonização
do Padre Cruz**

**APENAS PARA
a seguinte morada:
Apartado 2661
1117-001 LISBOA**





Igreja de Alcochete

Mandaram celebrar Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Maria Luísa Almeida (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Mariana Monteiro Santos Ferreira (Estarreja); Irene Peixoto (Azambuja); Rosa Salgueiro Pinto (Castro Daire); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia), Maria José Carvalho Taveira (Fregim); Maria Lucília Santos Duarte Henrique (Torres Vedras); Maria Carolina Esmeralda de Sousa Martins Moutinho (Porto); António Xavier Forte (Escudeiros); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Coimbra); Eva Santos (Petaluma, EUA); Maria Odete Cabral (Lisboa).

**Agradecemos que sejam apóstolos desta revista.
Arranjam assinantes ou ofereçam assinaturas.
Obrigado!**



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

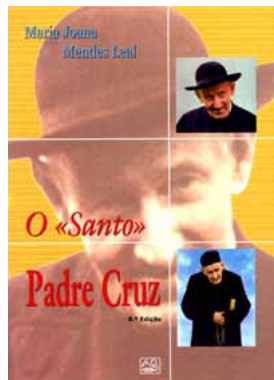
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. Dário Pedroso S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 1.500 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.